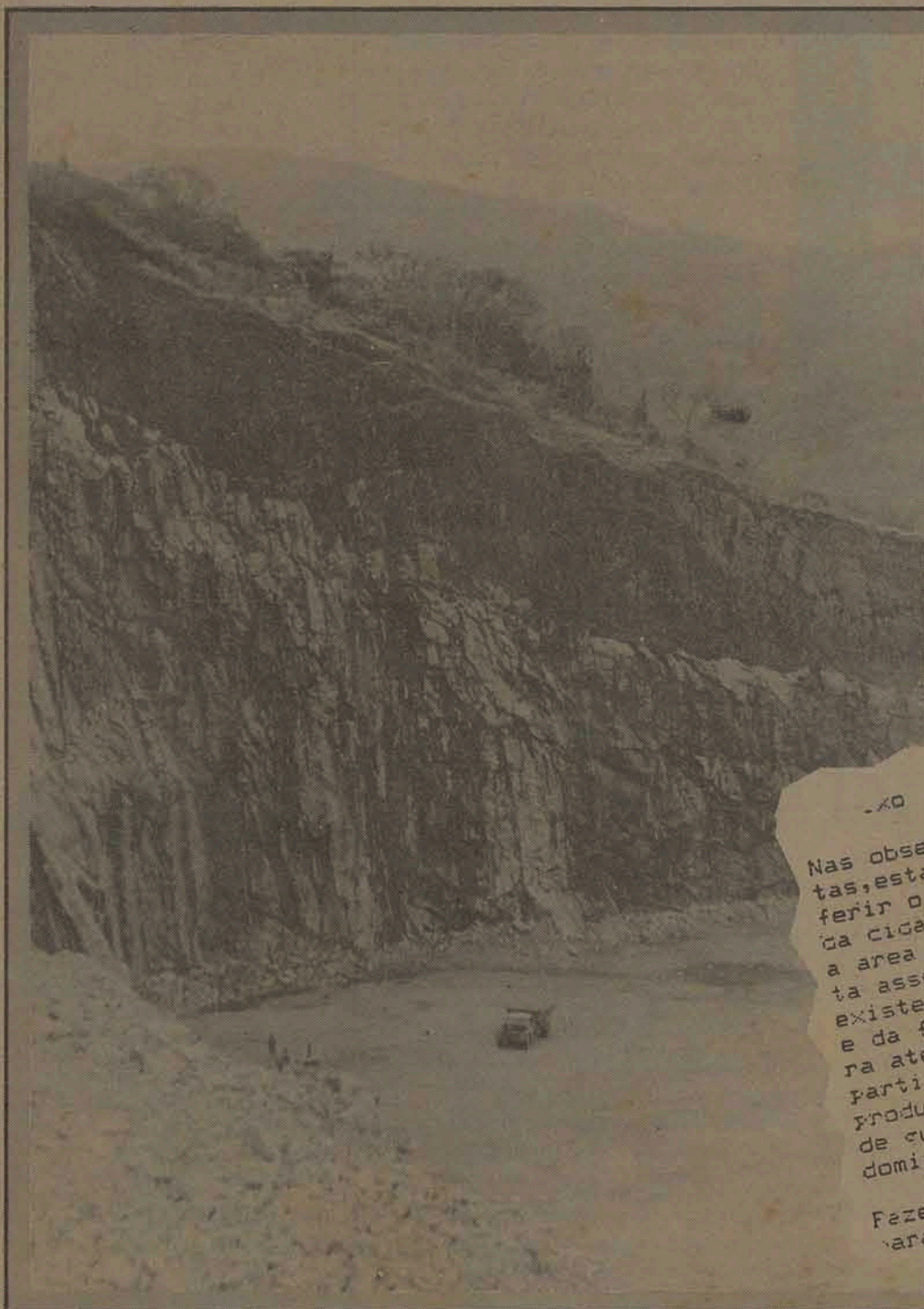


ZERO

Florianópolis, setembro/outubro de 86



Rio Tavares

COMUNIDADE DIZ NÃO AO LIXO

Prefeitura quer aproveitar a poluição do Rio Tavares, causada pela Pedrita, e levar o lixo da cidade para lá, mas esbarra na mobilização dos moradores. Mau cheiro não irá para o sul da ilha.

...o continue no Itacorobi "ad infinitum".

Nas observações "in loco", realizadas através de visitas, esta subcomissão conclui que se for para transferir o local para tratamento e disposição do lixo da cidade, o melhor local será sua transferência para a área denominada V.4 - RIO TAVARES II. Prende-se esta assertiva pela grande deterioração ambiental já existente neste área, através da presença da Pedreira e da fábrica de asfalto, que inevitavelmente continuará até o ano 2100 mais ou menos a espalhar na região partículas de pó-de-pedra, fuligem, alcatrão e outros produtos. Outra vantagem que podemos citar é o fato de que este local é totalmente abrigado dos ventos dominantes e fora do alcance visual do turismo.

Fazemos uma restrição V.5 PRANT "TONIO" para utilização, devido a ...

Esta é a conclusão da comissão da prefeitura

**Devastação
nas praias
do Norte**

**Um dia
numa
sessão pornô**

**Bailões:
a diversão
da periferia**



EDITORIAL

A enorme fenda aberta pela Pedrita no Rio Tavares — uma ferida de cicatrizes profundas — e um exemplo da acelerada devastação ecológica que ocorre na Ilha. Queimadas e incêndios nos morros, derubada de matas, remoção das dunas, poluição da Lagoa e das baías sul e norte são cenas cotidianas de frequência cada vez maior.

Por trás disso há uma lógica: arrancar o máximo de lucro das belezas naturais da ilha, mesmo que isso implique na sua destruição. Assim, cresce a especulação imobiliária nas praias, alargam-se as estradas, se fazem aterros, enquanto a população ilhoa continua sem a infra-estrutura mínima para viver: água tratada, estrutura de esgotos, atendimento hospitalar decente.

É esta a mesma lógica que leva a comissão técnica da prefeitura criada para pensar o problema do lixo a concluir que este deve ir para o Rio Tavares, pela sua "grande deterioração ambiental" e por estar "fora do alcance visual do turismo". Poluição e destruição ecológica passam a ser vistas como "vantagens". É sobre isso que trata a matéria central desta edição do Zero, que mostra também as alternativas apresentadas pelas diversas comunidades para a questão do lixo, como a descentralização, a separação do lixo orgânico (não químico) a criação de biodigestores.

COISAS CURTAS

O Exército Brasileiro comemorou no dia 25 de Agosto o dia do Soldado. A data homenageia a Luiz Alves de Lima e Silva, o conhecido Duque de Caxias, patrono do Exército Nacional. No portão de uma guarnição militar de Florianópolis, o cabo de serviço no dia, mostra-se perplexo e desconfiado ante a pergunta: Quem foi Duque de Caxias? Instantes de reflexão recompõe a lógica militar e a resposta vem carregada de hierarquia e, no mínimo, desinformação: "Não estou autorizado a responder perguntas de estranhos, mais se quiser eu posso chamar o oficial do dia..." (Ângelo Medeiros).

Por falar em liberdade de expressão, os alunos e professores do curso de jornalismo da UFSC estiveram na "esquina de manifestos" do calçadão no último dia 10 de setembro mostrando que a livre informação é assegurada com políticas democráticas de comunicação e não com o fim do diploma.

Embora os empresários da comu-

niciação tenham o monopólio sobre os meios, eles não o têm sobre o calçadão. Assim, ao lado dos bancários que no mesmo dia manifestavam-se por melhores condições de trabalho, lá estava o curso de jornalismo demonstrando que "não se fazem mais jornalistas como antigamente"... ou, como foram feitos desde antigamente. Hoje há uma universidade para se pensar teórica e criticamente e se aprender tecnicamente a profissão. E há o calçadão para circular a informação censurada nas empresas privadas de comunicação.

E como o compromisso do jornalista é com o público, a manifestação pretendia esclarecer a importância do diploma para assegurar profissionais autônomos do controle empresarial e compromissados com o conhecimento adquirido na sua formação universitária. No manifesto distribuído se lia que a luta real é pela melhoria do ensino universitário e pelo fim do monopólio da informação. (Karin).

Quatro paredes externas foi o que restou do antigo Teatro Álvaro de Carvalho após a reforma. Apesar dos quase novecentos mil cruzados gastos na remodelação, financiados pela Caixa Econômica Federal através do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social, sérios problemas permanecem. Falta uma vara de refletores e cabides nos camarins, é necessária a transferência do sistema de luz e som para o centro do teatro, para que o operador possa obter visão total do palco. Pra completar, alguns artistas não estão de acordo com a colocação, no salão principal de mandalas — figuras circulares inspiradas no tarô, no zodíaco e nos sete pecados capitais, obra do artista Rodrigo de Haro. Na opinião dos atores, as figuras atrapalham e interferem no espaço físico, pois em determinadas cenas são utilizadas as laterais do teatro, nas quais as mandalas estão fixadas. (Berenger).

ZERO

Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Textos: Ângelo Medeiros, Berenger, Norberto Depizzolatti, Raquel Wandelli, Urbano Salles, Luis Stefanos, Maneca, Karin Vêras, Mita, Tayana Oliveira.

Fotos: Mita, Maneca, Karin, Daniel Izidoro, Tayana.

Ilustração: Frank Maia.

Supervisão de Texto: Sônia Maluf e Luiz Alberto Scotto.

Diagramação: Idro, Daniel Izidoro, Roselange Peixer, Mita, Norberto Depizzolatti.

Edição Gráfica: Idro Antônio Prado Junior

Coordenação e Edição: Sônia Maluf.

Acabamento e impressão: Empresa Editora O Estado.

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis - SC.

Telefone: (0482) 33-9215.

Distribuição gratuita
Circulação Dirigida.

FEZTA NO PEDACÃO

Alguns dos seus cantores, como Amado Batista, vendem mais discos do que Roberto Carlos. Nem por isso sobem nas passarelas do Globo de Ouro. Não tem FM que toque e os jornais se negam a publicar suas programações.

Resistentes, os redutos da música brega/sertaneja insistem em tomar espaço nas periferias, dando diversão a quem trabalha.

Angelo Medeiros

O carro mal manobrado encosta o pára-choque no veículo da frente. O estrago é pequeno, o barulho não. Assustado, o porteiro corre para anotar a placa. Depois de inspecionar o veículo batido vai ao salão e chama o seu dono. Entretido nos requebros, o proprietário pergunta com desdém: "Foi muito?". Ante a negativa do porteiro, segue no seu gingado sem perder o ritmo. Este estado de espírito é característica reinante nos bailões. "Quem aprende a gostar, custa a sair" assegura Jeferson



Martins, 23 anos, frequentador assíduo deste tipo de diversão. Em outros tempos, a expressão bailão era ligada diretamente à violência. Hoje, a realidade está distante desta comparação. "Eu trabalho de segurança em bailão fazem oito anos e até agora só separei sete brigas.

Não dá uma por ano, né?" afirma, meio em dúvida de sua matemática, Hamilton Boett, 34, funcionário do Bailão do Albino. Os preços cobrados ajudam a tornar o bailão cada vez mais concorrido. Dos antigos salões, resta só o grafite no chão, que serve para auxiliar os pares a deslizar com suavidade pelas trilhas do baile. Ginásios de esporte adaptados servem como novo local da festa. Albino Paim, donô do bailão que leva o seu nome, está contente com o movimento, que diz aumentar a olhos grandes. "Vêm famílias inteiras para se divertir aqui" diz o empresário da noite. Além das famílias, prestigiam o evento, respeitados "pais de família", que aproveitam a simplicidade do ambiente para resgatar os velhos tempos, porém com novas namoradinhas. E o local é perfeito. "Mulher à procura do marido não entra" diz o porteiro do bailão "Rancho Alegre".

Mas, lá dentro, o conjunto toca para todos, sem discriminação. As pequenas cortesias são para cativar os frequentadores e atrair mais público. A estratégia para dar certo. Há pouco tempo foi inaugurada uma filial do Bailão do Albino nos Ingleses, Norte da Ilha. "O pessoal do interior da Ilha também gosta de bailão" justifica seu proprietário.

"PORTA ABERTA" NA CABEÇA

Nos "bailões" vende-se cervejas, no entanto quem lidera a lista de preferências dos *habituês* são as bebidas destiladas e suas derivações. O copo de cuba é unanimidade. "Porta aberta" (vinho com coca), conhaque e menta. Com as mãos nos copos, uma variedade de tipos, Terno engomado, rosa na lapela e chapéu Havana, o "coroa" desfila orgulhoso com a jovem ao seu lado. Em sua mesa, empadas e quibes se oferecem no prato. O garçom já foi *engraxado* e não esquece a rota. "É tudo legal, não tem gato não! É que tem doutor que gosta de um tratamento especial" explica um garçom do "Bailão da Amizade" na BR-101.

As mulheres, alegres, não se contêm em seus gestos e, às vezes, promovem espetáculos isolados. Certa vez uma mulher tentou agarrar a atração da noite, que era Sidney Magal, só contida por seguranças do cantor. Albino Paim acha que as estrelas servem apenas para lembrar ao público que o bailão existe, pois o seu retorno imediato é nulo. "Os artistas pedem muito, no final só dá para empatar". Mesmo assim as atrações são costumeiras, bastando lembrar que por Florianópolis já passaram artistas como Gretchen, Sérgio Malandro, Léo Canhoto e Roberzinho, Xilãozinho e Xororó entre outros.

"AI EU EXTRAPOLO"

Todos falam o mesmo idioma. "Posso não ser o Pelé

mas tenho a minha Xuxa" exaltava Norberto Farias, 24, negro ao lado da loura namorada. Num canto da pista, cansada, a mulata Vilma gentilmente negava pedidos para dançar. Os candidatos eram vários. Paim, conferindo o movimento do dia, falava: "Isto aqui é uma família".

E uma família rica, sem dúvida. Sua filial nos Ingleses está em um ginásio de esportes construído com fundos próprios. Se não pode reclamar da vida, Paim reclama da divulgação que os órgãos de comunicação dispensam aos bailões. "Nunca sai nada em jornal, nem programação". As faixas colocadas pelas ruas são alternativas encontradas para chamar o público.



Sexo, cupim e gargalhada

Berenger

Agosto, quarta-feira — dia nacional do namoro —, nove e quarenta da noite. No Cine Ritz, por apenas oito cruzados, o cartaz apresenta em letras para míope nenhum botar defeito: "Nas Garras da Cafetina".

Enquanto isso, a fila dobra a esquina e há tipos de todas as idades — do adolescente que está se tornando adulto ao velho que sonha adolecer. Parado em frente ao cartaz, absorto em pensamentos, um homem de meia idade, careca, jaqueta cinza, boné na mão, parece gostar do título dirigindo-se para comprar ingresso.

Mais alguém olha o cartaz. Agora é um casal que talvez sonhe em fazer em casa o que provavelmente irá ver na tela. Ou será simples curiosidade?

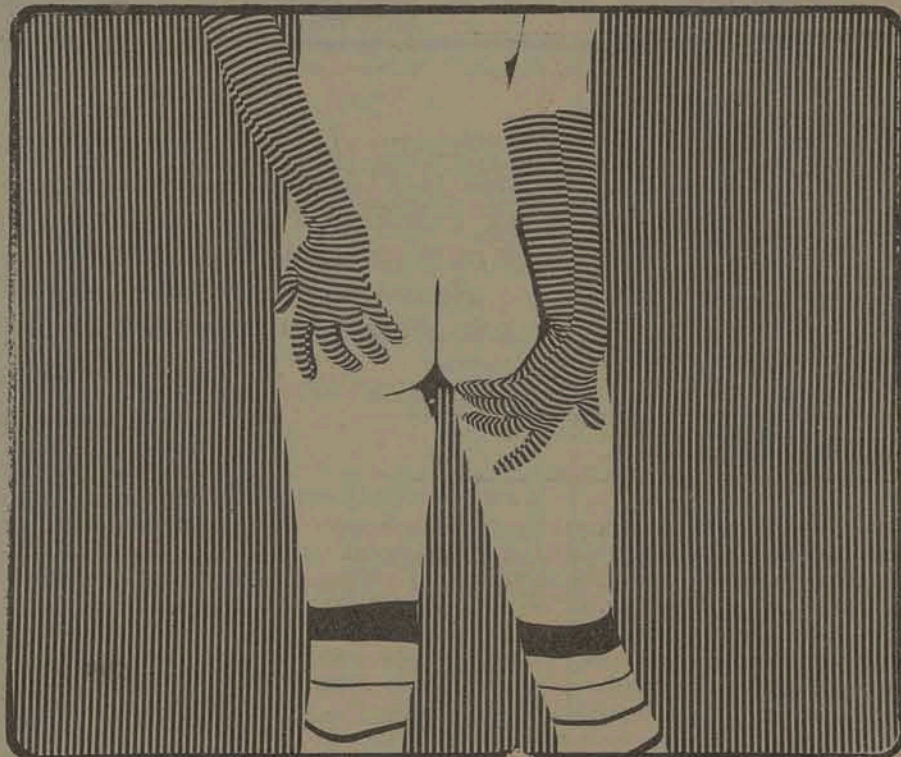
Lá dentro o cinema está quase lotado, cheirando a mofo. Alguns preferem sentar-se nas últimas cadeiras, na busca de não serem reconhecidos vendo um pornô de quinta categoria, com direito a sexo explícito.

As luzes apagaram e o público prepara o subconsciente para assistir a

fita. No mesmo instante, ouve-se algumas fungadinhas e o ruído de uma tosse seca, nervosa, vindo lá do canto esquerdo.

Começou o filme, mas o barulho é um intruso disfarçado em meio à escuridão. Há uma falação no ar, risadas e de repente uma "cala boca", cessou a "galera" do segundo andar, que espera impaciente pelas cenas mais audaciosas. E, finalmente, quando estas aparecem na tela foi um oba-oba geral, não faltando as piadinhas e os assovios. Mas alguém enfurecido não gostou do que viu e berra: "Joga este filme fora, quero meu dinheiro de volta".

Neste momento o filme emudeceu, porém os espectadores não. A luz se acende na tentativa de acalmar os ânimos, que já estão alterados, tamanha a má qualidade do filme. E novamente a luz apaga: começa tudo outra vez. Nesta hora o filme reaparece sem defeitos, mas o público não está satisfeito batendo com os pés no assoalho, que range feito casa velha. Mais protestos: "Isso não é filme é slide". O público está sedento por ação e o filme não corresponde. Mas, apesar de tudo, há sempre aquele sujeito, que não dá bola para nada e ainda tem tempo para fazer piada e grita: "Minha



cadeira está cheia de cupim". Gargalhadas mil. Aqui ninguém nunca ouviu falar em Babenco, em Cacá Die-

gues. Aliás só conhecem uma referência em termos de produção: — É explícito?

Vento sul na ilha

Norberto Depizzolatti

O uso indiscriminado de agrotóxicos no Brasil, focalizando especialmente a região cacaueira baiana, é o tema do filme *Vento Sul*, uma produção de 1985 dirigida pelo baiano José Frazão, que escolheu Florianópolis para o lançamento nacional desse longa-metragem, premiado no Festival de Mannheim (Alemanha) e apresentado no Festival de Ecologia e Meio Ambiente em Royan (França).

A idéia foi de fazer um filme simples sobre o assunto. Frazão se autodefine como um operário de cinema, e como assistente de direção já *tocou* as filmagens de diversas produções de outros diretores. A produção, pela modéstia, não interessou à Embrafilme, sendo realizada com recursos próprios e a colaboração de amigos estimulados com o tema e o tipo de produção. Denise Bandeira — que além de trabalhar como atriz participou da realização do roteiro — Mariza Leão, Miguel Fabbella e Maria Padilha são alguns des-

ses amigos que deram força, "pois sabiam que eu não pretendia comprar nenhum apartamento em Nova Iorque com os lucros do filme", diz o diretor.

FLOR ECOLÓGICA

As dificuldades de pesquisa o levaram à realização de um filme de ficção e não de um documentário. A questão dos agrotóxicos no Brasil é complexa, o assunto está *mascardo* e os dados disponíveis não são confiáveis. É grande o envolvimento de órgãos governamentais, autoridades científicas da área da agricultura e saúde pública e das empresas multinacionais. Muitos produtos que em países ditos desenvolvidos têm sua comercialização proibida são usados de forma abusiva e letal no Brasil e em outros países do 3º Mundo.

A distribuição do filme está sendo feita de forma alternativa, compatível com a própria produção, também alternativa. Frazão acredita nesse tipo de trabalho e cita como exemplo o sucesso dos cineastas gaúchos contem-

porâneos. A Igreja Messiânica, que desenvolve pesquisas de agricultura natural em São Paulo, patrocina o material de divulgação do filme, e alguns de seus membros acompanham a equipe de produção nos debates realizados após as apresentações. Florianópolis foi escolhida por dois motivos: a maior consciência ecológica local garantiria um público que possibilitasse ganhos para um trabalho de divulgação mais consistente. Além disso, há a facilidade de conseguir espaço na programação do Centro Integrado de Cultura para a exibição, o que não foi possível em outros locais, como Salvador por exemplo.

CLICHÊ DO CLICHÊ

A narrativa do filme gira em torno de uma jornalista que procura desvendar o mistério do desaparecimento de uma outra jornalista envolvida com a denúncia do uso de agrotóxicos na Bahia. Descobre então que a colega, por ter aprofundado seu trabalho e levantado dados concretos do número de mortes e sobre o *esquema* mon-

tado por autoridades, donos de fazenda e indústrias na comercialização desses produtos, foi sequestrada, espancada e tem como alternativa de sobrevivência um auto-exílio no Suriname, onde vai encontrá-la receosa ainda de falar sobre o assunto.

Segundo os realizadores o problema de que trata o filme é político e não técnico, por isso se dispuseram a realizar esse *produto* (o filme) do qual a sociedade organizada deve se apropriar e utilizar como recurso audiovisual na ampliação da consciência da gravidade da questão.

O valor da produção está justamente aí, o objetivo de uma produção simples foi alcançado, é um filme perfeitamente assimilável por todos, que serão atingidos pelo seu conteúdo de denúncia em defesa da vida. Embora em nenhum momento inove ou recrie a linguagem cinematográfica, ao contrário, se apropria de muitos clichês do cinema, é um filme de bom acabamento visual e sonoro que cumpre perfeitamente seus objetivos.

Oito por dia, aqui na ilha

maioria dos agressores conhecem as famílias e os hábitos de suas vítimas. Os dados provenientes de uma pesquisa da estudante de Ciências Sociais, Viviane Remor, e confirmados pela Delegacia Regional da Mulher, revelam que 70% das mulheres agredidas não registram queixa por medo ou vergonha e quando registram, dificilmente os culpados são punidos.

Mas é bom alertar aos "jakies estupradores" que estas "eternas vítimas" (título da pesquisa) não estão mais sozinhas. Acontece que a última tentativa sofrida pela estudante universitária, Rose Mary Aparecida dos Santos (ver último Zero) revoltou seus vizinhos, moradores da Lagoa da Conceição, que resolveram se unir não

so para exigir a punição do culpado, mas para evitar que outros casos permaneçam em sigilo na Capital. O grupo cresceu, e já recebeu a adesão de 20 pessoas, que pensam em trazer para a cidade o programa S.O.S. Mulher, que em São Paulo e no Rio de Janeiro mantêm, através da Prefeitura, telefones e funcionários de plantão para atender desde casos de estupro, até brigas entre marido e mulher.

Formam o grupo, mulheres que já sofreram violências sexuais e, o que não é de surpreender, apenas um homem, Aldo Litaiff, 27 anos, estudante de Filosofia da UFSC. "Esta briga não é só das mulheres" afirma Aldo com segurança. Sua maior preocupação é a de encorajar as vítimas a

tornarem o fato público. "Os culpados contam com o anonimato", justifica. Ele e a equipe levantaram cerca de cem casos ocorridos este ano na Grande Florianópolis, muitos desconhecidos e já estão contatando com as vítimas. A ideia é desencadear uma campanha contra a violência sexual.

ATE POLICIAL RODOVIÁRIO

Estopim da campanha, o caso de Rose Mary, estudante de Nutrição, 23 anos, ao que tudo indica não será esquecido logo e nem o agressor, Moacir Marsan, por sinal um policial rodoviário, passará impune tão facilmente. Rose, assim como várias outras "estudantes caroneiras", estatisticamente expostas a este tipo de inconveniência, sofreu um corte profundo, hematomas e escoriações graves por todo corpo ao se jogar do carro de Marsan a 50 Km/h, na altura da lanchonete "Koxixo's", na Beira-Mar Norte, quando percebeu que ele a levava para um destino bem diferente da Universidade. "Disse que ia me levar para um motel", conta Rose, ainda muito abalada depois de dois meses.

Mas o guarda rodoviário não foi muito longe, minutos depois foi preso por uma viatura policial, que vinha logo atrás. O caso foi registrado no 5º Distrito Policial (Trindade), no mesmo dia, 11 de outubro. O grupo procurou o delegado Carlos Dirceu Silva, para saber o motivo da morosidade do processo. Foram informados de que o processo se encontra nas mãos do juiz e pode levar até três anos para o veredito final. Aldo não esconde a revolta: "Iremos nesse caso até o fim".

EM FAMILIA

Daisy Vogel, estudante de Jornalismo, atacada no próprio campus universitário, às 18 horas, dá mais um exemplo de impunidade. Ela teve a face cortada com uma gilete e o dente da frente quebrado, mas conseguiu livrar-se do violentador. Não encontrou a mesma sorte, porém, ao tentar registrar a queixa, quando foi recebida com risos e chacotas pelos policiais do mesmo 5º DP "Eles fizeram pouco caso", revela Daisy.

Casos como este são comuns, afirma Viviane, também integrante do grupo. Quase sempre a mulher entra na delegacia como vítima e após passar pelas típicas interrogatórias, "Você não estava usando roupas apertadas?", ou "Você é virgem?", acaba saindo como ré, condenada por sedução. Mas para ela, que procura explicar socialmente a violência sexual, o argumento de que a mulher provoca as investidas "com suas atitudes libertinas e roupas decotadas", cai por terra quando se sabe que os estupradores em sua maioria, são familiares ou conhecidos próximos das vítimas.

UM CANAL DE DEFESA

As "marcas psicológicas" nunca se apagam, declara Viviane, após entrevistar cerca de 20 mulheres estupradas nos municípios da Grande Florianópolis, Criciúma e São Joaquim (cinco não quiseram dar entrevistas e todas pediram para não se identificar). "Elas mudam completamente o modo de encarar a vida; sentem-se condenadas pela sociedade como se o estupro estivesse estampado na testa e vêem em cada homem a figura do seu violentador. Para Viviane foi mais difícil arrancar alguma coisa das casadas, porque ainda enfrentam os preconceitos do marido. "Soube de casos em que o esposo deixou de ter relações sexuais com a vítima por nojo, durante vários meses e outros em que a mulher registra a queixa e o marido retira no dia seguinte para defender a honra".

A conclusão para o "fenômeno", vem depois de descoberta de que grande parte dos agressores, são "pessoas normais", que agem premeditadamente, contrariando a tese da insanidade mental. "Mais uma vez, a origem do estupro é o machismo da sociedade, que dá ao homem todas as prerrogativas para agir como se a mulher fosse de sua posse", finaliza Viviane.

Enquanto isso, a Delegacia da Mulher, 6º DP, continua atendendo com quatro equipes de plantão, de 4 a 8 casos de estupro e agressões por dia, demonstrando que a iniciativa deu às mulheres, ao menos um canal de defesa. Rose, Viviane e Aldo, no entanto, só acreditam na vitória desta luta "no dia em que mudarmos toda a estrutura social".

Raquel Wandelli

Estupros e tentativas "mal sucedidas", foram notícias diariamente das páginas de policia da imprensa local, nos últimos quatro meses: A policia registra, por dia, em Florianópolis, uma média de oito casos. A maior incidência envolve crianças de 2 a 10 anos, seguidas das empregadas domésticas, donas-de-casa e estudantes. Ficou comprovado que a grande parte das violências é premeditada, considerando que a

A policia registra oito estupro por dia em Florianópolis. O número fica longe dos que ocorrem e são silenciados. Daisy Vogel, jornalista do DC e formada pela UFSC, foi ataca-

cada em pleno campus universitário às seis horas da tarde. Embora o descrédito, as vítimas se mobilizam e já se pensa em organizar o SOS Mulher na ilha.



Onde voarão os urubus?

Para aproveitar a destruição ambiental e a poluição provocada pela pedreira Pedrita, uma equipe técnica da Prefeitura indicou o Rio Tavares como o melhor local para a instalação do complexo de lixo da Capital. Ao invés de ser contida a exploração de pedra na região, o alvará de funcionamento da empresa é revalidado automaticamente, e a pedreira continuará a espalhar poeira, alcatrão e enxofre até o ano de 2100.

Quanto mais poluído, melhor. Esse foi o critério utilizado pela equipe técnica da Prefeitura que indicou o Rio Tavares II como o melhor local para a instalação do complexo de lixo da Capital, composto por uma usina, pátio de compostagem, aterro sanitário e incinerador.

Em agosto, depois de um estudo de oito localidades de Florianópolis, a equipe técnica, da qual fazem parte Carlos Rogério Poli — PhD da UFSC, Eduardo Santos — da Companhia de Melhoramentos da Capital, e Josiane Caldas — do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, justificou sua indicação com o argumento de que "a área já se encontra completamente comprometida com o funcionamento da pedreira. Ruídos de britadores, poeira, fumaça de uma fábrica de asfalto são comuns no local".

A equipe técnica observou em seu estudo que a exploração da empresa Pedrita Rio Tavares Ltda "inevitavelmente continuará até o ano 2100 a espalhar na região partículas de pó de pedra, fuligem, alcatrão e outros produtos. Outra vantagem que podemos citar é que este local é totalmente abrigado dos ventos dominantes e fora do alcance visual do turista." Apesar do complexo de lixo ter uma duração de apenas 40 anos se instalado no Rio Tavares, a equipe da Prefeitura sentenciou aos moradores do local as 209 toneladas diárias de lixo da Ilha.

"LIXO FORA DAQUI"

Preocupada com a possibilidade de ver seu bairro infestado de urubus, a comunidade do Rio Tavares começou a se mobilizar contra a instalação do complexo de lixo. Depois de faixas e cartazes com os dizeres "Lixo Fora do Rio Tavares/ Lixo Fora da Ilha" serem espalhados pelos próprios mo-



A Prefeitura Municipal de Florianópolis continua a revalidar automaticamente o Alvará de Funcionamento da pedreira

radores, o prefeito Edison Andrino foi até a comunidade explicar que a escolha definitiva do local ainda não tinha sido feita. Numa reunião turbulenta, com cobranças e insatisfações por parte dos moradores, o prefeito acabou se comprometendo em não instalar o complexo de lixo de Florianópolis no Rio Tavares.

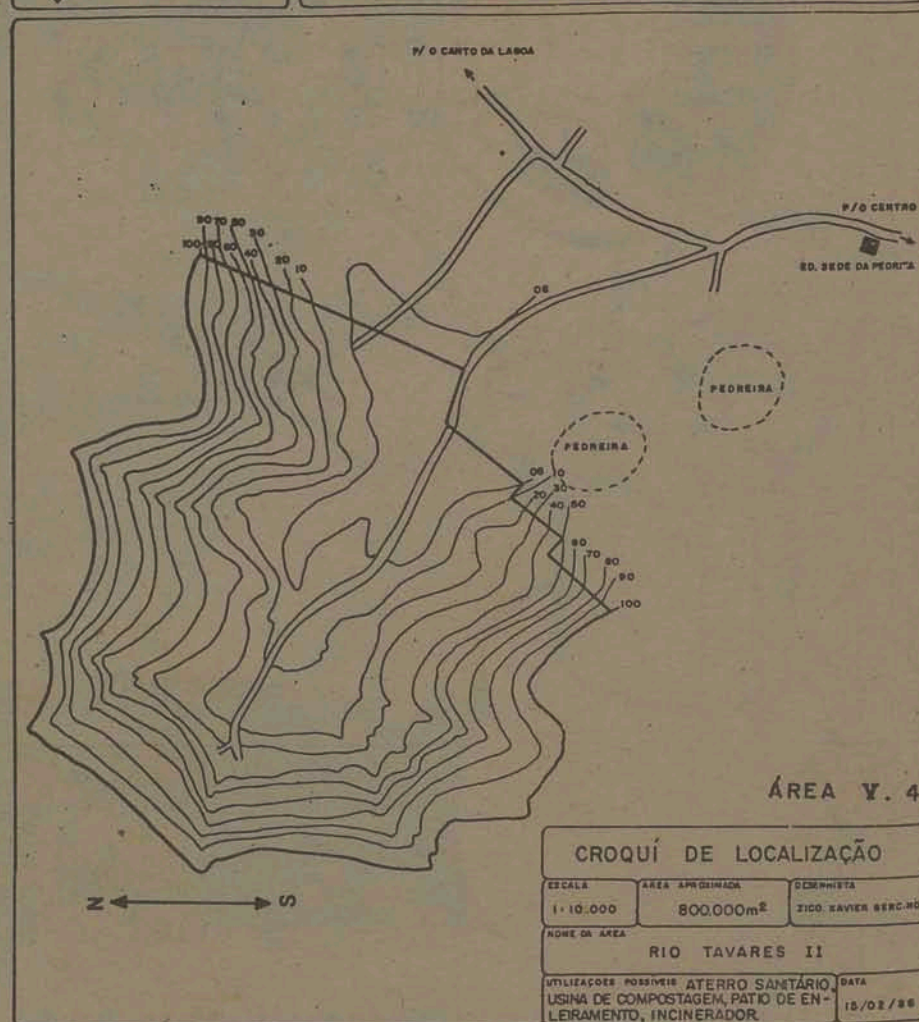
Andrino informou à comunidade que voltaria para explicar o funcionamento e implicações da instalação de uma usina de processamento, porque os moradores não se mostraram convencidos de que essa era a melhor forma de tratamento do lixo da Capital. Para a surpresa da comunidade, o prefeito abriu, no último dia 13, a concorrência entre seis empresas para a Construção da usina antes mesmo de voltar ao Rio Tavares.

PEDRITA POLUI

Os moradores do Rio Tavares têm muitos motivos para não admitir mais um poluente na região. Há 13 anos eles convivem diariamente com a poeira, alcatrão, ruído de britadeiras, enxofre de uma fábrica de asfalto e explosões provocadas pela exploração da Pedrita. A cada quatro meses fortes apitos de sirene anunciam aos moradores uma grande explosão. Os carros da empresa ficam à disposição para o caso de algum acidente e a estrada é bloqueada com antecedência.



SÍTIOS PARA DISPOSIÇÃO E TRATAMENTO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS-SC



Na Idade da Pedra

ou na idade de ouro da corrupção

Ao contornar a Ilha passando pela Lagoa da Conceição em direção às praias do Sul, um turista ou viajante sofre o impacto ambiental ao se confrontar com um paredão descoberto de 120 metros: a pedreira explorada pela Pedrita Rio Tavares Ltda.

Área é o que não falta para a exploração do granito. A empresa possui 1 milhão de metros quadrados para a extração da pedra. Para se ter uma idéia do que já foi corroido da rocha durante esses 13 anos de exploração, basta ver a área da parte de cima do morro onde se vê um grande semicírculo. Isto equivale a cerca de 700 mil caminhões carregados de brita.

Como a área de extração atual já está "dificultando a dinamitação e a exploração", pois o morro está quase no nível dos seus 120 metros, a Pedrita vai atacar agora pelo lado direito, informou o Major da Aeronáutica, especialista em explosivos e Diretor de Manutenção da Empresa, Nazareno Alves. A Pedrita já elaborou um projeto que consta de seis bancadas até atingir a altitude do morro que nesta parte é de 138 metros. Como a Fatma exige a reconstituição da vegetação neste novo empreendimento, essas bancadas facilitariam o replantio e também a extração.

Enquanto isso a Prefeitura Municipal de Florianópolis todos os anos "revalida automaticamente" o alvará de funcionamento da pedreira, informou Fernando Povoas da Secretaria de Administração Municipal.

PREDIO ILEGAL

A exploração da pedreira em Rio Tavares foi autorizada pela Prefeitura em 19 de julho de 73, durante a administração de Ari de Oliveira. Na época não existia o decreto 007 que exige da empresa um projeto de reconstituição da área ambiental, nem a lei municipal 2193 de 75 que só permite na Ilha a implantação de indústrias não incômodas à população.

Portanto, a Pedrita Rio Tavares Ltda atua na área "com direito adquirido", observou o engenheiro da Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos, Rubens Bazzo. Ele também informou que a construção da atual sede da empresa foi feita de maneira clandestina devido à cálculos errados e cotas irregulares. Mas, "nós vamos em breve conseguir o deferimento", garantiu o irmão do proprietário da Pedrita, Nazareno Alves.

Mau cheiro fora da ilha

Como se livrar do lixo? Isso é o que a Prefeitura Municipal de Florianópolis vem tentando resolver há sete anos, quando se tornou visível e incômodo o malcheiroso aterro sanitário de Itacorubi, próximo ao acesso das praias do norte e leste da Ilha.

Comissões, sub-comissões e equipe técnica foram formadas para estudar e alinhar as tantas propostas da questão polêmica do lixo.

Francisco Ferreira, representante do Movimento Ecológico Livre em uma comissão que está estudando a questão do lixo, acha imprescindível a mudança do aterro sanitário devido aos prejuízos ambientais que ele está provocando no mangue de Itacorubi. "Justamente onde se reproduzem 30 espécies de crustáceos estão sendo jogado os detritos da Capital". Segundo Francisco, a melhor solução é descentralizar o lixo, como já está sendo feito na Costeira, Monte Verde e Morro do Mocotó, com projetos de criação de biodigestivos para o lixo orgânico em cada uma destas localidades.

"O problema do lixo é mera questão política", ressaltou o vice-presidente da Associação do Porto da Lagoa, Nestor Habscock. Para ele, a

Ao lado da pedreira e em terreno da Prefeitura há o funcionamento de uma fábrica de asfalto frio que a Prefeitura utiliza "de graça", informou Nazareno.

O dono da Pedrita, Paulo Gil Alves, também empresário na área de informática, conta na pedreira com 93 funcionários, cerca de 70% moradores da região, mas quem trabalha no escritório "é o pessoal da cidade". Segundo o vice-presidente da Associação do Porto da Lagoa, Nestor Habscock, a Pedrita funciona em regime de trabalho quase escravo. Os trabalhadores do Rio Tavares ingressam na empresa como quebradores de pedras e o posto mais alto e cobiçado é o de motorista de caminhão. "A rotatividade dos operários é bastante grande", acrescentou Nestor. "Todo o motorista é responsável pelo seu veículo, e caso aconteça algum acidente ou problema com o caminhão o funcionário é demitido".

O Chefe da pedreira, José Taffner, informou que os trabalhadores estão divididos em três áreas de funcionamento: fábrica de asfalto, britadeira e exploração na pedreira, retirando do Rio Tavares cerca de 160 caminhões de brita por dia.

No dia 30 de agosto foram detonadas, segundo a empresa, sete toneladas de dinamite. As mercadorias do Mini Mercado Rocha, situado em frente à pedreira, caíram das prateleiras durante a explosão. Segundo o seu proprietário, Valter Rocha, a quantidade de explosivos foi bem maior do que a anunciada pela Pedrita. "Alguns trabalhadores me disseram que foram usadas 15 toneladas de dinamite. Eu não duvido, porque uma pedra chegou até aqui no mercado, quase caindo em cima do meu empregado". Valter guardou a pedra antes que os operários da empresa limpassem a estrada, tirando os resquícios da explosão.

Além do perigo dos estilhaços lançados pelas explosões, os moradores do Rio Tavares aspiram alcatrão, enxofre de uma fábrica de asfalto e a fuligem das britadeiras. Os animais e plantas da região dão uma idéia da quantidade de poeira provocada pela exploração: eles apresentam uma camada de pó branco em seus pelos e folhas. Até o final do ano será instalada uma fábrica de concretagem no local — a Pedricon. Provavelmente um córrego que atravessa o terreno da empresa será usado para a lavagem de betoneiras. Isso irá poluir ainda mais a região, porque provocará a sedimentação do rio.

verba destinada à implantação da usina deveria ser usada na divulgação dos métodos de separação do lixo sólido e orgânico. Segundo Nestor, o lixo orgânico pode ser usado como adubo e comprador para os resíduos sólidos é o que não falta. "A prefeitura de São José está interessada na compra deste material. Lixo não é um problema, ao contrário, é uma fonte de renda".

Mas a Prefeitura prefere gastar dinheiro. A verba prevista no orçamento municipal de 1987 para a implantação do complexo de lixo é de Cz\$ 68 milhões. As quatro peças fundamentais do complexo são a usina de processamento, pátio de compostagem, aterro sanitário e incinerador para resíduos hospitalares.

Passando por cima das discussões e das propostas alternativas para a questão do lixo surgidas nas comunidades, como a da construção de biodigestores descentralizados, a prefeitura abriu concorrência para empresas que se dispusessem a implantar a lucrativa usina de lixo. Entre seis empresas, foi escolhida a Civilla Engenharia Civil S.A., de São Paulo que usa tecnologia italiana. O custo ficará em Cz\$ 7 milhões e 500 mil.

.....12

V4) TERRENO NO RIO TAVARES II

A) LOCALIZAÇÃO: A área está situada no Distrito de Rio Tavares, próximo ao Canto da Lagoa e atrás da pedreira PEDRITA.

B) ÁREA: 80 Ha.

C) ACESSO: Através da Rodovia SC 406. Para se chegar ao local ainda é necessário percorrer uns 700 metros em estrada britada, com capacidade para tráfego pesado.

D) INFRAESTRUTURA: Luz e Telefone.

E) JAZIDA: HÁ MATERIAL DE COBERTURA EM ABUNDÂNCIA NO LOCAL.

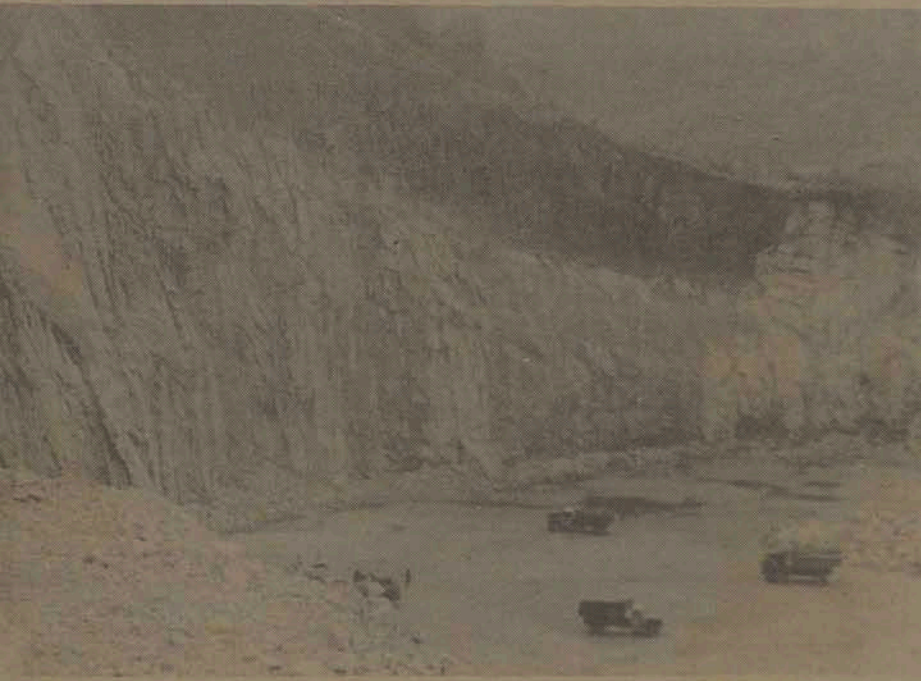
F) CARACTERÍSTICAS FÍSICAS: Área plana com aproximadamente 15 ha, margeada por encostas com 23% de declividade. A área está voltada para SE, portanto totalmente protegida pelos ventos dominantes em Florianópolis.

G) DESCRIÇÃO AMBIENTAL: A área já se encontra completamente comprometida com o funcionamento da pedreira. Ruído dos britadores, poeira, fumaça de uma fábrica de asfalto são comuns no local. Atualmente algumas pessoas de baixa renda ocupam-se com uma agricultura insípiente. Alguns de maior poder aquisitivo possuem no local alguns búfalos, os quais trazem as costas uma pequena camada de pó branco. Este mesmo fenômeno já se observa nas matas que circundam o local. Segundo a FATMA a Pedrita preteriu de explorar a pedreira pelo menos mais 100 anos. À parte destas atividades, existe um comércio irregular de barro, diga-se de passagem de excelente qualidade e brogueiros. Em suma a região está bastante ameaçada.

H) DISTÂNCIA DE TRANSPORTE: 13.5 km.

I) CONDIÇÕES DE VIZINHANÇA: A densidade demográfica é baixa sendo que a mais próxima (um barracão) dista uns 300 metros do limite da área.

J) ESTIMATIVA DE PRAZO DE UTILIZAÇÃO: CONFORME ESTUDO DA FATMA, a área teria condições de suportar o lixo da cidade sem tratamento durante pelo menos 40 anos. Ao instalar uma usina neste local este período poderá se alargar para aproximadamente 60 a nos.



Pedreira Rio Tavares Ltda já extraiu desde 1973 cerca de 700 mil caminhões de pedra

Alerta en la frontera

O Governo Federal ameaça, os cambalacheiros resistem. Com os lucros fartos, a instituição do comércio ilegal entre Brasil e Paraguai vive dias de glória.

Urbano Salles

Por certo um hábito antigo, mas solidificado apenas em meados desta década, o comércio de produtos importados via Paraguai transformou-se no mais lucrativo negócio da economia paralela, este monstro que tanto assusta as autoridades quanto faz a festa dos sonegadores. Indiferentes à evasão de reservas cambiais e ao preceito jurídico de crime previsto pelo Código Penal, centenas de catarinenses engrossam, a cada semana, as fileiras do "cambalacho da Foz".

Entrar para a classe dos "cambalacheiros da Foz" — denominação pela qual preferem ser identificados — é simples e custa pouco dinheiro. O Terminal Rita Maria é cúmplice de, em média, dez viagens semanais ao Paraguai, sempre com lotações esgotadas. Com o aumento da procura, crescem, também, as opções de roteiro e estadia. "Oferecemos diversos planos, desde os mais populares aos mais sofisticados", vangloria-se Índia Brazil, gerente da Lovetur Agência de Turismo, nesta Capital. "O Paraguai é prato para todos os gostos e interesses", conclui.

Viajar para a Foz com fins comerciais é uma divertida e perigosa aventura. C.A.I., 23 anos, decidiu-se

por sua independência financeira a qualquer custo. Em 1983, procurou amigos que lhe forneceram endereços de lojas e dicas sobre o típico comprador que encontraria na volta C.A.I. reservou, durante alguns meses um terço de seus vencimentos como funcionário público federal para as primeiras compras.

Em três dias, ele descobriu os prazeres e infortúnios da fronteira. "A sujeira e a pobreza dos paraguaios, a desordem do comércio em Puerto Stroessner, o medo dos fiscais, nada disto me desanima", afirma este comerciante — entre aspas, é claro. No caso de C.A.I. não existem razões para desânimo. Passados três anos e incontáveis idas e vindas, C.A. I. é proprietário de um apartamento no centro da Capital, totalmente mobiliado, onde há espaço para os uísques escoceses e os biscoitos suíços. "Qualquer pessoa que entra em minha casa percebe que, sem o Paraguai, eu não teria nada. Na certa, seria um simples funcionariotinho", desabafa, orgulhoso.

COM AS CALÇAS NA MÃO

Uma excursão programada para compras na fronteira é, muitas vezes, um caso de vida ou morte. V.P., 37 anos, casado, três filhos, investiu, em sua última viagem, Cz\$ 100.000,00, cerca de 20 vezes sua renda mensal. "E terrível passar pela roleta russa dos fiscais, saber que podemos perder tudo e sermos processados", comenta. Na bagagem do ônibus, V.P.

inclui quatro video-cassetes, três mini-tvs e outros inúmeros aparelhos eletroeletrônicos, "nada dando na vista, tudo escondidinho". Impressiona ao excursionista menos avisado a complexidade do esquema montado entre a empresa, os motoristas e guias turísticos junto aos "cambalacheiros".

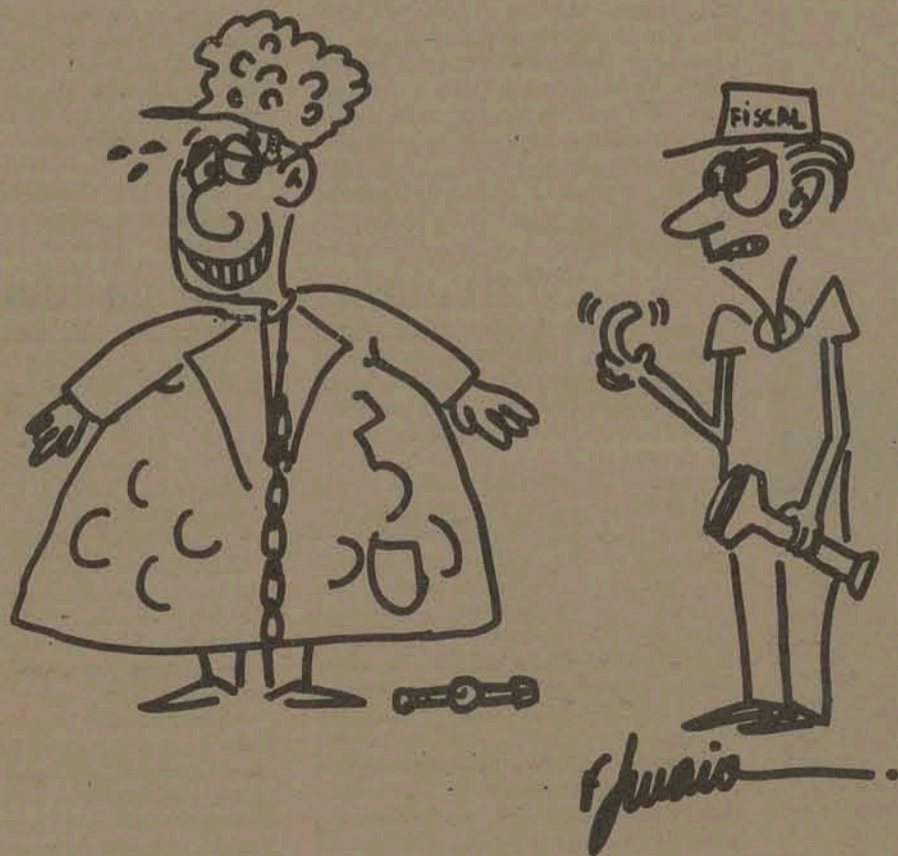
Quando embarca para o caminho de casa, o turista fica sabendo que, sob seus pés — em compartimentos secretos na carroceria — escondem-se quilos em produtos que, se descobertos pela fiscalização, podem incriminar todos os passageiros. Ao ultrapassarem os três postos alfandegários em funcionamento na região sem sofrerem a temida revista, os cambalacheiros comemoram. V.P. segue, religiosamente, um ritual: "Distribuo drinks aos passageiros e agradeço a Deus por mais esta chance de melhorar na vida".

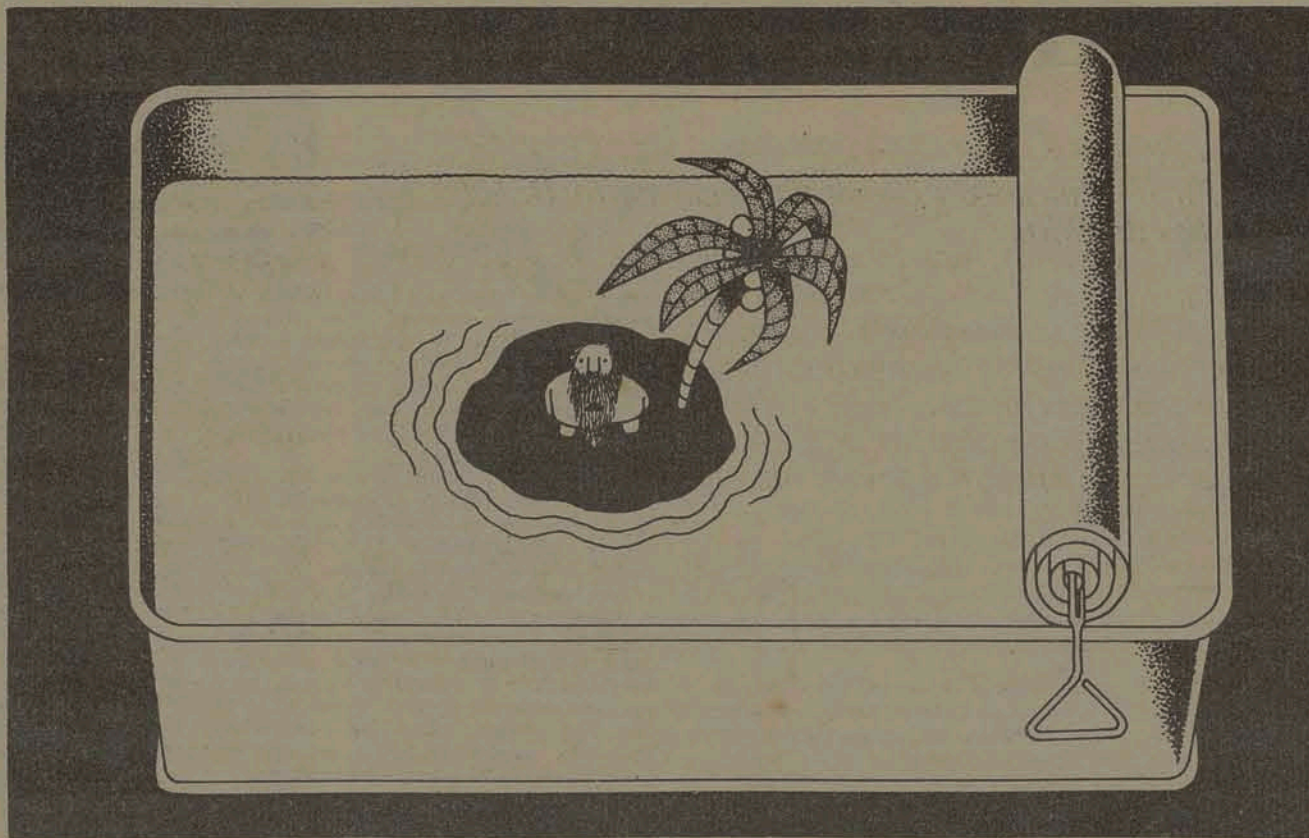
As 15 horas de "pé na estrada" que aguardam os excursionistas ou se transformam no prenúncio de boas perspectivas, ou marcam o início de um longo e doloroso processo judiciário, acompanhado quase sempre de graves dificuldades financeiras. E.B., 30 anos, bancário, é um fascinado pelo charme da fronteira. "Gasto uma micharia e, de sobra, ganho este presente maravilhoso", diz referindo-se a sua mulher e "companheira de batalha" há mais de dois anos. "Acho que o espírito de camaradagem deu o empurrãozinho necessário para que nos conhecêssemos. Afinal, cambalacheiros também têm coração", ironiza.

Tanto E.B. quanto todos os brasileiros que fazem do Paraguai sua meca semanal demonstram, nos últimos meses uma preocupação crescente em relação a medidas que o Governo Federal — notadamente, o Senhor Dilson Funaro — tomará para inibir o que ele reconhece como o grande responsável pelo aumento do dólar no câmbio negro e pelas taxas de inflação dos meses de junho e julho. A intensificação das revistas aos ônibus e veículos particulares, e o efetivo cumprimento da proibição de gastos superiores a 150 dólares por pessoa, poderão causar fissuras na ponte que une os dois países vizinhos. Por todos os laços de amizade, os moradores de Puerto Stroessner desejam poder continuar recebendo os amigos brasileiros, de preferência, com os bolsos recheados e planos de voltar sempre.

Olho no vídeo

Se dentro dos limites do território brasileiro os preços permanecem congelados, o comércio paraguaio continua a conviver com os problemas criados por uma economia nacional caótica e improdutiva. A inflação paraguaia termina por contaminar as vendas das muambas. Não existem valores médios, aliás, seria exigir muito de um mercado do qual a legislação só se aproxima nos flagrantes aduaneiros. Um video-cassete japonês com controle remoto pode ser adquirido em Florianópolis, por Cz\$ 13.000,00. Se o comprador tiver a qualidade da paciência e sondar preços de outros comerciantes, encontrará o mesmo equipamento por Cz\$ 9.000,00. Encontrando por menos, desconfie do aparelho.





Território Argentino

Luis Stefanés

Em meados dos anos 70, época das máximas valorizações do antigo cruzeiro, os turistas argentinos, timidamente, descobriram a ilha de Santa Catarina e aportaram em Florianópolis. De início, a constatação de custar mais barato passar as férias aqui do que ficar nas praias argentinas. Através do dólar em comparação com o antigo cruzeiro, os turistas viam nas compras de eletrodomésticos e até de carros, além é claro de curtir e se divertir com as belezas naturais da cidade, o quanto era vantajoso a passagem da fronteira.

E nessa leva de turistas vieram os investidores argentinos que logo viram em Florianópolis um local não apenas bom para o período das férias, mas também propício aos grandes investimentos na área de hotelaria e construção civil à beira-mar. O ponto escolhido foi o norte da ilha — precisamente a praia de Canasvieiras. Inicialmente o comportamento era de simples turista interessado em alugar casa de veraneio, tanto que o balneário ficou conhecido como ponto dos argentinos. Com o alongamento do asfalto até Ponta das Canas, os investimentos de capital argentino afluíram para Cachoeira em construção de hotéis e condomínios. Chegaram, finalmente, à Praia Brava, até há pouco tempo um lugar deserto e agora palco de grandes empreendimentos.

Com a afluência de turistas e investidores para o Nobre da Ilha surgiram as especulações imobiliárias, expulsões de moradores e quebra dos costumes locais, prejuízos para a pesca. Notadamente de 70 a 80% dos visitantes são argentinos.

As belas praias da Ilha viram alvo da especulação de grupos privados. No Norte, a destruição da fauna e da flora corre na mesma velocidade dos investimentos argentinos. Nessas, até a praia Brava já dançou.

O próprio Plano Diretor dos Balneários aprovado em novembro de 1984 contribuiu para que se faça da região uma área exclusiva de exploração do capital privado na forma de grandes empreendimentos. Ou seja, transformar o norte da ilha num lugar privativo, empurrando os seus habitantes para as praias do sul.

FIM DA PESCA

Um dos grandes problemas que a urba-

nização acelerada traz para a região é o da poluição. Canasvieiras foi atingida e Ponta das Canas, vista como a praia de águas mais claras da ilha, corre o mesmo risco pois não há infra-estrutura adequada para a rede de esgotos. As construções não sofrem uma fiscalização rígida e muitas vezes os próprios projetos não estão de acordo com a legislação que trata do assunto.

De certa forma a pesca artesanal está perdendo terreno neste "desenvolvimento" da região. Muitos pescadores abandonam a profissão e se transformam em empregados dos hotéis ou serventes das obras. Alia-se a esses fatores a exploração que sofrem por parte das empresas pesqueiras. Além disso, é mais fácil ganhar dinheiro alugando a casa por dólares do que ficar na expectativa da pesca. O morador vai perdendo rapidamente sua identidade cultural, costumes, tranquilidade e modo de vida.

Essa captação de recursos se dá de dois modos. Em certos momentos, na forma mais declarada quando os próprios hotéis são conhecidos como de propriedade de argentinos e, em outros casos, tendo um testa-de-ferro, como no empreendimento de Praia Brava.

O mesmo Plano Diretor está liberando a edificação de dois andares para todos os balneários da ilha sem uma prévia discussão do projeto arquitetônico e sem critério algum no sentido de analisar como e onde será a construção. A previsão é que no futuro, bem próximo, a ilha esteja cercada por prédios à beira-mar de norte a sul. O Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) esclarece que os projetos estando dentro das normas técnicas exigidas, não necessitam de uma apreciação mais detalhada. Depois de Praia Brava o próximo passo será o loteamento de Santinho, ainda no norte, e Praia Mole, no sul.

Enquanto isso as altas ofertas expulsam os pescadores nativos de Cachoeira, Ponta das Canas, Lagoinha e outras praias.

Adeus praia Brava

Praia Brava localiza-se no extremo norte da Ilha, distante 36 quilômetros do centro de Florianópolis. Sua área totaliza mil e duzentos metros de mar aberto entre as praias da Lagoinha do Norte e Ingleses. Cercada por montanhas, a região apresenta em sua formação dunas, vales e bacias pluviais. E agora terá como atração edifícios e hotéis.

Até 1985 a Praia Brava era um local de difícil acesso. Hoje apresenta aos visitantes o asfalto e uma placa que anuncia: "América do Sol, um proyecto de vida y entretenimento". Junto aos dizeres se vê o horizonte aberto, um mar sem fim e também um barulho sem fim.

O projeto do empreendimento nasceu há, no mínimo, seis anos e prevê o loteamento da praia de ponta a ponta. Neste espaço haverá hotéis, condomínios fechados, apartamentos, área comercial, quadras de esportes, garagens. Será transformado o local numa verdadeira ilha da fantasia. E adeus à praia, fauna e flora.

Morte pelo "grisu"

Trinta e um mineiros mortos é o resultado da maior tragédia da mineração do carvão. O acidente aconteceu na madrugada do dia 10 de setembro de 1984, justamente no dia tão esperado pelos mineiros: dia 10 é quando, geralmente, sai o pagamento. A partir desse acidente a segurança nas minas teve uma sensível melhora, inclusive com algumas empresas comprando novos equipamentos de segurança para as suas minas.

Nessa reportagem, um relato de alguém que estava ao lado do conjunto que explodiu, e um levantamento da situação dos mineiros do Sul.

Manoel Mendes

Quando o mecânico de equipamentos Rudimar Aguiar, 24 anos, levantou-se naquela manhã de segunda-feira de muita neblina, nas regiões montanhosas e malcheirosas do Sul do Estado, não adivinhava as surpresas que estavam reservadas para ele e seus companheiros de trabalho. Muito menos os 85 operários da CCU (Companhia Carbonífera Urussanga) que se preparavam para iniciar mais um turno de trabalho estavam a par do que tinha acontecido no dia anterior: o sistema de ventilação e exaustão havia paralisado por falta de energia elétrica.

Ainda na superfície, próximos à boca da mina, o que os mineiros queriam mesmo era conversar sobre futebol e sobre o que tinha acontecido de diferente na vida de cada um na-

quele final de semana. Outros preferiram sentar-se e tomar café, que trazem nas garrafas térmicas, fumar um cigarrinho, como sempre fazem.

Na inocência de que tudo estivesse dentro do normal, quase todos os homens do primeiro turno da manhã entraram nas galerias estreitas da mina Plano 2, localidade de Santana, município de Urussanga. Chegando meia-hora mais tarde ao início do turno e perdendo o dia, os mineiros Olívio Lessa e Nascimento Martins, tiveram melhor sorte conseguindo salvar suas vidas. Por volta das 5h15 aconteceu uma explosão no painel P6W — divisão da mina onde trabalha um grupo de pessoas — que atirou contra a parede negra e maciça 31 mineiros que se preparavam para trabalhar nas câmaras e frentes de perfuração. Por falta de equipamento técnico adequado os mineiros soterrados ficaram quase três dias sem socorro porque o local

do acidente estava sem condições de acesso. Motivo: grandes concentrações de gases venenosos e inflamáveis na área.

Dos trinta e um mineiros que ficaram estendidos no chão úmido por quase 36 horas, alguns davam mostras da luta pela sobrevivência: havia corpos destruídos pela explosão do dinamite, corpos carbonizados em adiantado estado de putrefação e havia, também, corpos bem conservados. As unhas e ponta dos dedos coroados, além da boca suja de terra e inchada, mostravam o desespero dos mineiros que sobreviveram ao primeiro impacto da explosão e que, talvez, estivessem respirando até poucas horas antes de serem resgatados.

O mecânico de equipamentos Rudimar Aguiar, que levantou naquela madrugada de 10 de setembro, não estava na lista de baixa do maior acidente da mineração do carvão até hoje no Brasil. No momento da explosão ele se encontrava no painel P5W (ao lado do painel que explodiu), juntamente com mais 23 companheiros. Deles, 20 caminharam na direção da salva-cia a do túnel principal. Os demais, grupo em que estava Rudimar, perderam a noção de onde estavam e correram em pânico, justamente para onde havia ocorrido a explosão. Esbarraram então com uma nuvem de fumaça que vinha no sentido contrário. A língua começou a travar a cabeça e o pescoço a latejar e a respiração tornou-se difícil. Eram as reações que os gases tóxicos provocam no organismo humano. Mais alguns minutos ali, mesmo deitados, porque o ar na parte de baixo da galeria é mais puro, e sem conversar muito para não forçar a respiração, e o número de mortos certamente teria subido para 35.

Sem esperanças e quase sem ar, Rudimar e os três companheiros, num primeiro momento choraram, e depois, sentindo-se sem forças, começaram a rezar. Depois, para evitar o envenenamento, eles molharam as camisetas numa poça de água e colocaram contra o nariz. Foi a salvação. Depois de uns quarenta minutos chega o encarregado de turno Salesio Donato Velho, 38 anos, e diz: "Calma minha gente, nós vamos sair dessa". Experiente, ele guiou o grupo que caminhava com dificuldade por toda extensão da mina — aproximadamente mil metros — chegando até a superfície. Mais tarde, já desacordados, eles foram levados para o hospital de Urussanga, deixando para trás 31 companheiros de trabalho mortos.

A FABULA DA PEDRA

A versão do laudo elaborado pela polícia técnica e endossado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) é simples: uma pedra se desprende do teto da mina e caiu sobre algumas bananas de dinamite já escorvadas — já preparadas para detonação —, foi a causa da explosão inicial que matou os 31 mineiros. E a desativação um dia anterior do sistema de ventilação, provocou o acúmulo de gás metano (CH₄), o chamado *grisu*, na galeria principal do P6W. Isso teria provocado a segunda explosão.

O presidente do sindicato dos mineiros de Urussanga não concorda com a versão oficial da queda da pedra: "Se fosse isso já teríamos descoberto", explicou Jaime José Costa. Ele acha que a versão oficial é estranha porque a própria empresa alegou antes que a estrutura física da mina é das melhores. Jaime acha que a queda da pedra sobre o dinamite deixaria muitas provas. "Pra começar não se vê um buraco no teto onde deveria estar a pedra, mesmo que ela fosse uma pedra pequena. Segundo, ela teria explodido junto com o dinamite. Teria sido esfaqueada e teríamos encontrado algum vestígio disso. Mas, veja que apesar da explosão ter sido violenta como foi, e, apesar das duas explosões, não houve qualquer cairimento. O teto ficou como estava, o que prova que a estrutura física da mina Plano 2 é das melhores", finalizou Jaime.

Diante das diversas conclusões dos palpites teóricos de superfície, os mineiros, praticados do subsolo, se mantêm firmes na posição de que a única causa dessa tragédia foi o gás metano que se desprende do carvão, devido à parada dos exaustores. E essa paralisação aconteceu por negligência.

O PREÇO DO DESCASO

A tragédia, que matou 31 pessoas na mina de Urussanga trouxe, com a tristeza, algumas mudanças: alertou a opinião pública nacional para o problema da falta de segurança nas minas e da forma desumana como são tratados os mineiros. Em consequência disso, algumas empresas mineradoras do Sul compraram novos exaustores de ar, geradores de energia automática, metanômetros — aparelho para medir a quantidade de metano no ar. A CCU, inclusive, substituiu totalmente o sistema de ventilação da Mina Plano 2 — local do acidente — onde agora qualquer falha é denunciada com um alarme.

O inspetor de Segurança (IS), que até há pouco era figura decorativa a serviço da empresa, hoje pode ser incluído no processo-crime em caso de acidente. Essa responsabilidade exige uma nova postura da empresa em relação ao inspetor de segurança e deste em relação às condições de trabalho. O exemplo recente, de que um engenheiro-chefe da Companhia Brasileira de Carvão Araranguense (CBCA) foi impedido de entrar num conjunto de diversas galerias com grande frequência de cairimento de teto pelo IS, é prova de que o acidente do dia 10 já começa a impor novas responsabilidades aos empresários mineradores.

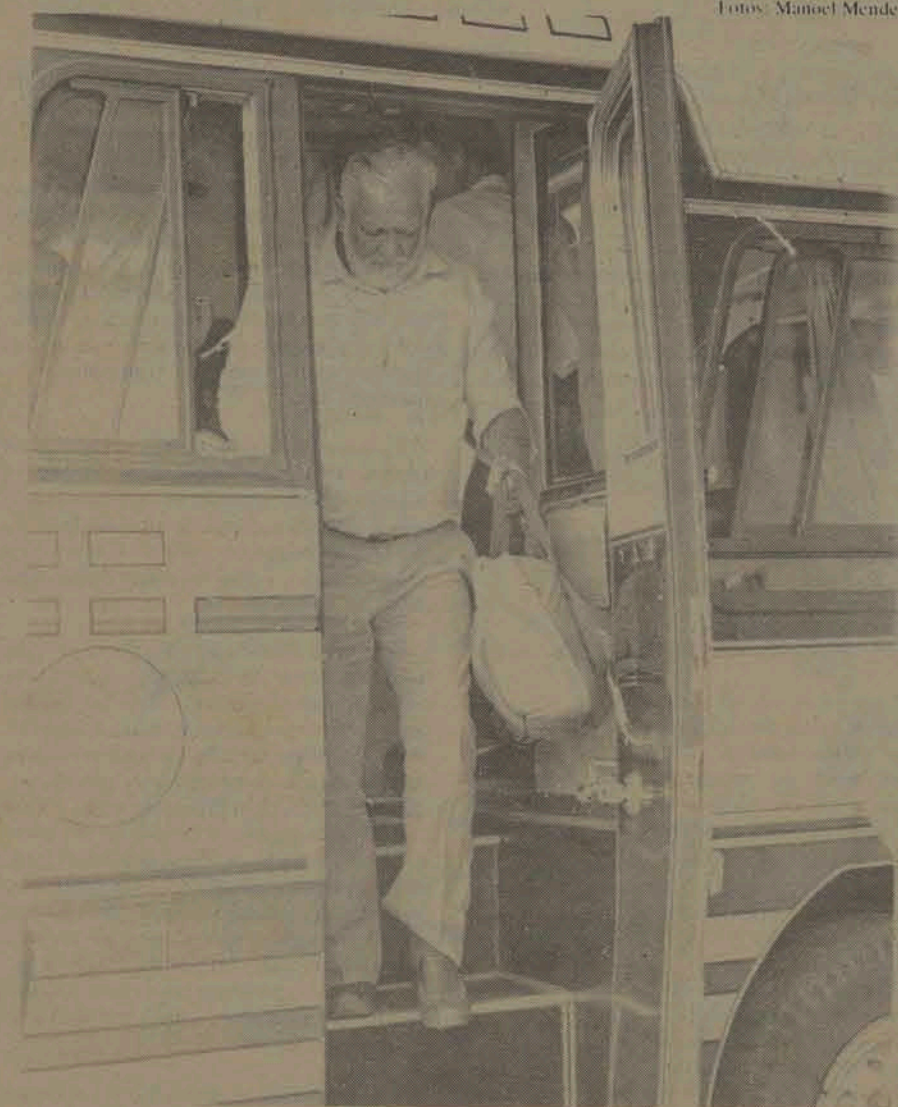
O jornalista criciunense Nei Manique, que participou, desde o início, da cobertura do acidente, também percebeu essa mudança. Contudo, faz um comentário: "A conscientização, entre outras, teve um preço de 31 vidas".

"CIDADE FELIZ"

Sexta-feira. O ônibus deixou o terminal Rita Maria, em Florianópolis, às 9 horas. Na poltrona nº 36 sentou-se um senhor forte e alto, com cabelos e barba grisalhos. Volta e meia ele puxava de dentro da bolsa azul em seu colo, um lenço amarrado que servia para secar o suor frio do rosto. Naquela poltrona estava sentado Leônidas Napoli, 60 anos, ex-mineiro, agora aposentado por invalidez. Se não fosse a sua doença no pulmão, ele estaria trabalhando nas minas até há poucos anos.

E foi justamente o problema de saúde que fez Leônidas deixar Criciúma e buscar melhores recursos médicos em Florianópolis. No hospital dos Servidores ele operou um cisto no peito. Logo no dia seguinte, resolveu viajar para casa num ônibus convencional da empresa de ônibus Santo Anjo da Guarda. Quando Leônidas estava descendo na rodoviária de Criciúma, comentou: "Até o ar daqui é diferente", comparando com o ar de Florianópolis. Depois de trabalhar 15 a 20 anos no subsolo, ganhando, hoje, um salário que pode chegar a 2 mil cruzeiros, os mineiros ainda enfrentam o cheiro da Pirita (FeS) que se espalha pela região. Com 8 a 10 anos de trabalho, muitos mineiros já contraíram a pneumoconiose — doença do pulmão. É justamente o pulmão, a parte do corpo que mais é afetada pela poluição da região mineira. "Eu estou há uma semana encostado — parado — por causa do pulmão. Pela terceira vez estou com início de pneumonia. Agora vou ao médico pedir mais uma semana para eu me tratar porque ainda não estou bem", queixou-se um funcionário da CBCA. E acrescentou: "Vou aproveitar essa minha folga e procurar outro serviço, porque na mina não dá mais, mesmo que eu trabalhe na superfície".

Em Criciúma, maior concentração de minas do Sul do País, essa situação também se reflete nos bancos das praças, pouco se vê a presença de idosos. No centro, em cada esquina existe uma farmácia e é difícil uma delas falir. As placas de sinalização, geralmente feitas de ferro fundido, com pouco mais de dois anos começam a enferrujar. Por conta de toda essa situação, algumas empresas fazem exames pulmonares em seus empregados para saber o número de casos de P1, P2 e P3 — estadios da pneumoconiose, doença do pulmão — constatados. As pessoas com P2 têm dificuldades para respirar e são consideradas inaptas para o trabalho. Então despedidas ou aposentadas por invalidez. E essas, também são as pessoas que até há pouco tempo assistiam uma propaganda na emissora de TV local que insistia em dizer que "Criciúma é uma cidade feliz".



Leônidas Napoli: "até o ar aqui é diferente"

Fotos: Manoel Mendes



Em pouco tempo as placas enferrujam



A poluição nos bairros da periferia é algo que a população aprendeu a conviver e achar normal

Pela fresta a riqueza

Karin Vêras

O golpe marcou um impasse na música popular brasileira. No mesmo panorama das contradições sociais alinhavam-se a música de protesto, a música de entretenimento e, logo após, a tropicalia e a riqueza metafórica do malandro.

Quem não se auto-censurasse e fosse esperto o bastante para compreender a sutileza da linguagem poética poderia realizar verdadeiros prodígios estéticos e um conteúdo refinado na música que era criada. E criou-se um jeitinho de permanecer na luta através do "discurso sem voz".

Ao lado do jogo de corpo e do som do prazer, estava o humor da pronúncia exata, na hora impropria. É Lukacs que me desculpe, mas a realidade alegórica marcou para sempre a realidade histórica-pobre de coação, rica de cantores e compositores de arrojada captação e capacitação.

Na fresta do canto
Na fresta do coração
Na fresta do pranto
... com ou sem revolução

Na fresta, o sorriso
Na fresta a alienação
com o sol, o canto
e se o cansaço aparecer
... resta a simbologia da libertação!



Quero que vá tudo pro inferno

Se é verdade que a Indústria Cultural teve grande atuação no período pos-golpe, também é verdade que uma parte da juventude soube curtir os devaneios e requiebro bacanas da jovem-guarda. Mas, não foi a juventude universitária que entrou na curtição. Os adolescentes de colégio, as meninas vageantes, aqueles que sonhavam com o rei e com o rock que surgia — era para eles que mais valia encurtar a saída do que enfrentar a barra.

Contudo, a fórmula que deu certo para a "alienação" foi, por outro lado, uma ruptura com a tradicional concepção de não-engajamento. Utilizando termos que escandalizavam o vocabulário das "grandes e respeitadas famílias", marcou uma "revolução de futilidades" — como disse Eduardo Loguio.

Foi época de tragédia e delírio, de marketing, silêncio e consumismo; de metáforas e oportunismo. Enquanto uns lutavam, outros curtiam e sarcoteavam seus corpos reprimidos.

O que ficou?

Ficaram lembranças da calça boca de sino e da cabeleira que ria da careca do poder. E apesar das críticas, ninguém que viveu naquela época se atreve a censurar radicalmente os costumes de libertinagem dos tempos de tração. A jovem-guarda não negou um posicionamento histórico. Ela utilizou o útil para produzir o agradável. Esquecendo a tensão a massa ouvia e os que podiam, viviam de ilusão. E quem não precisa de sonho para sobreviver ao real?

WOLINSKI E A "CRUZADA CONTRA A VIOLÊNCIA"



O homem do chapéu branco

Ela está de volta. Ou talvez não tenha passado de uma ilusão achar que ela tinha ido embora. Acompanhada pelo galante ministro de chapéu branco, D. Censura botou a noiva "Rocky" Stalone e desta vez não teve protestos: das velhinhas de Taubaté à Tradicional Esquerda Brasileira só se ouviram congratulações.

Na "Nova República", o número de censuras aumentou de 150 para 213 e os velhos critérios, como moral e bons costumes, continuam sendo usados para decidir o que o cidadão deve ou não assistir. Assim, quem é que irá "vous salue". Brossard? Tá certo que Stalone não é Godard, mas censura e censura. Ou não é?

Alguns estragos na censura na "nova república"

* 193 músicas vetadas para radiodifusão (inclusive "Merda", do Caetano Veloso e duas músicas do "Premeditando o Breque" que falam em homossexualidade);

* Oito músicas terminantemente proibidas;

* de trezentos filmes em 35mm, dez foram liberados com cortes;

* dezesseis filmes cortados nos últimos doze meses, entre eles, uma fala do filme "Ana e suas irmãs, de Woody Allen, em que este se referia ao uso da cocaína;

* supressão de cenas da novela "Selva de Pedra"

Ministro acusado de incitar a violência

São Paulo - A coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra enviou, ontem, ao ministro da Justiça, Paulo Brossard, um contundente telex, responsabilizando-o pelos incidentes ocorridos segunda-feira na Fazenda Annoni, onde cerca de 50 acampados ficaram feridos em confronto com a Brigada Militar, chamando-o de mentiroso e pedindo para que deixe de ser ministro, dando assim "a sua maior contribuição para o desenvolvimento de uma sociedade democrática em nosso País".

"A executiva nacional dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra responsabiliza-o de pressionar e incitar o Govern-

do do Estado do Rio Grande do Sul a ordenar a Polícia Militar a agredir covardemente os sem-terra acampados na Fazenda Annoni", diz o telex da coordenação, que assim termina: "Estamos nos dirigindo ao senhor para pedir uma solução aos acampados da Fazenda Annoni. Nós queremos lhe pedir para que deixe de ser ministro das leis injustas, ministro dos fazendeiros, ministro do bol gordo, ministro do capital. Queremos, enfim, que deixe de ser ministro. Agindo assim, estará dando a sua maior contribuição para o desenvolvimento de uma sociedade democrática em nosso País". (AG/DC)

DIÁRIO CATARINENSE □ QUARTA-FEIRA,
1º DE OUTUBRO DE 1986